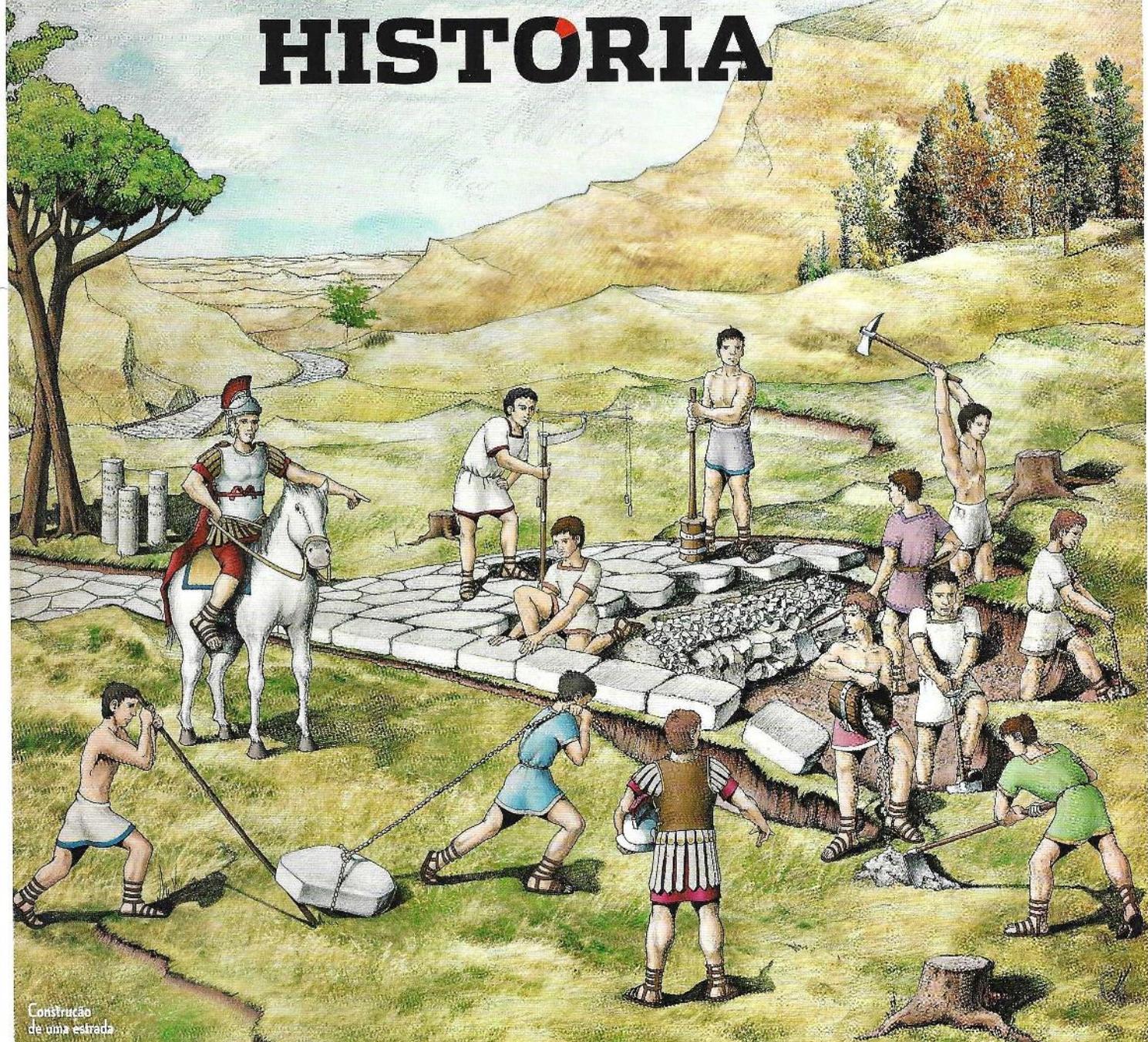


VISÃO HISTÓRIA



Construção de uma estrada

PORTUGAL NO TEMPO DOS ROMANOS

A VIDA QUOTIDIANA • AS CIDADES • AS ESTRADAS • A ECONOMIA

N.º 17 - SETEMBRO 2012
CONTINENTE - €4,90
PERIODICIDADE TRIMESTRAL



EM NOME DOS DEUSES

A aceitação das divindades locais pelos Romanos era também política, pois sabiam que as crenças religiosas comandavam a vida das pessoas

Por José d'Encarnação

Diz-se que os Romanos – como tantos outros povos – eram politeístas: adoravam vários deuses. Esta noção poderá vir a ser posta em causa se considerarmos que também para eles tudo emanava de um «pai de todos os deuses», Júpiter, dotado quicá de um «Bosão de Higgs» de onde outros númenes divinos provieram – e como que terá disseminado seu espírito divino pela terra, mares e ar, atribuindo a cada elemento uma partícula do seu génio.

Na verdade, uma noção tão envolvida em beleza como o amor não poderia representar-se senão através de mulher de extrema beleza, Vénus; a guerra, com todo o seu cortejo de horrores, malefícios e manigâncias, estava incarnada em Marte; e até os rios, as montanhas, as nascentes, estavam dotadas de génios próprios. Não admira, portanto, que antes de se instalar num território o Romano procurasse saber que divindade ali presidia à fecundidade das terras e constituía sua superior proteção; daí que, antes de ousar rasgar a terra com o arado para uma sementeira ou nela abrir caboucos para implantar moradia, aos céus erguesse os braços e queimasse incensos em honra do génio do lugar.

Quando os Romanos chegaram ao território que é hoje Portugal adotaram essa prática comum de tolerância, porque bem sabiam quanto as crenças religiosas comandavam a vida das gentes: não hostilizaram, procuraram compreender e, inclusive, venerar também as divindades locais. Decerto terá sido longo o processo que os levou a compreender exatamente o significado dos sons que os indígenas emi-



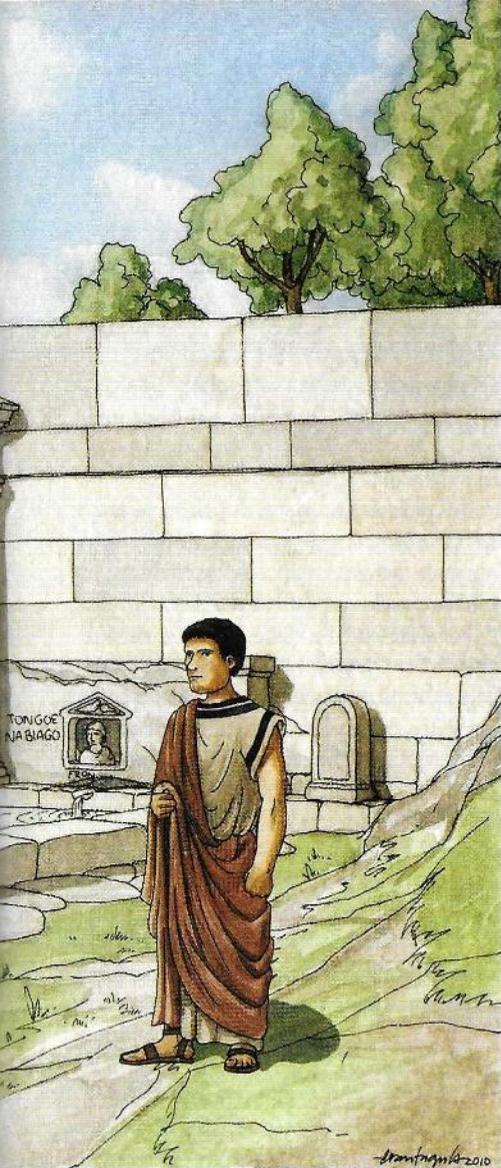
FONTE DO ÍDOLO Este santuário romano erguia-se em Bracara Augusta, a atual Braga

tiam, dado que bem diversa do latim seria a língua que falavam; mas a preocupação foi a de tentar uma aproximação fonética e, por outro lado, a de mostrar aos povos autóctones como é que eles, Romanos, faziam os seus rituais, para louvar deuses, para homenagear defuntos... Sim, porque de todas as circunstâncias da vida, a morte

Em vez de hostilizarem as divindades locais, os Romanos procuraram compreendê-las e, inclusivamente, venerá-las

sempre terá sido o mistério maior e, por isso, o cerimonial que a envolvia foi alvo de rigoroso cuidado.

Falam os autores antigos do que terão sido as práticas religiosas dos Lusitanos (simplifiquemos com esta designação o conjunto dos povos pré-romanos da zona ocidental da Península Ibérica). Não podemos, porém, dar-lhes crédito total, porquanto se trata de uma visão externa, porventura até bem afastada no espaço, de uma realidade em que ainda não estavam mergulhados e cujos meandros se desconheciam – e haverá domínio mais íntimo que o da religião?!... Consequentemente, é a interpretação dos espólios encontrados nas escavações arqueológicas (mediante, por exemplo, o recurso à mitologia comparada) e, de modo especial, são as inscrições deixadas nos ex-votos em honra de divindades e nos epitáfios a perpetuar a memória dos mortos que constituem o



OS SACERDOTES

- **Pontífices** Os mais importantes
- **Flamines** Celebravam os cultos
- **Augures** Interpretavam os auspícios, nomeadamente observando as entranhas de animais sacrificados
- **Vestais** Mulheres virgens incumbidas de manter acesa a chama sagrada

libens animo, «cumpriu o voto de livre vontade» – como, hoje, o acender uma vela à Virgem ou a entrega de uma moeda na caixa das esmolas...

MAIS DE CEM DEUSES 'LUSITANOS'

Ultrapassa a centena o número de divindades indígenas identificadas entre nós. São, de modo especial, os protetores de um lugar, de uma «etnia» (passe o termo à falta de melhor), de um manancial: Ilurbeda, Trebaruna, Tabudicus, Laepus, Cosus, Reva, Endovellicus, Arentius, Aracus, Quangeius... Amiúde, junta-se ao nome geral um epíteto de carácter local. Nesse aspeto, um dos testemunhos mais conhecidos é o de Banda (chamemos-lhe assim), que aparece designado como Bandei Velugo Toiraeco, Bandi Isibraiceui, Bandi Vorteaecio, Bandu Vordeaeco, Bandei Brialeaicui, Bandu Picio... Os linguistas procuram, mediante a comparação com vocábulos conhecidos do chamado indo-europeu, a língua primordial de onde terão derivado os idiomas ocidentais, penetrar no significado profundo desses termos, para descortinarem os atributos específicos de cada uma dessas divindades, partindo-se do princípio de que esses nomes tinham a ver com uma realidade concreta. Porém, nem sempre tais teónimos surgem escritos da mesma forma: Endovellicus, Enobolicus, Indovellicus, Trebaruna ou Triborunnis, Cosus ou Cusus são variantes resultantes da pronúncia nem sempre claramente compreendida por quem gravava na pedra o que o crente lhe ditava.

Tem outro significado esse fácil acolhimento das divindades locais por parte dos Romanos. Não vamos garantir que houve nesse sentido uma determinação oficial;

mas o certo é que depressa o poder central se apercebeu de que o respeito pelas crenças locais facilitaria a aceitação de um domínio que não era apenas cultural ou, melhor, que era predominantemente político e económico mas reconhecia a suprema importância do cultural. Portanto, bem cedo vemos os indígenas começarem a prestar culto aos deuses que os Romanos veneravam. Primeiro, decerto, foi a adoção de noções que bem compreendiam, porque mais ligadas ao seu quotidiano de comunhão com as divindades: os *lares*, as *tutelae*, os *genii* ou, genericamente, os *dii* e as *deae*, os deuses e as deusas... E a cada um destes nomes se acrescentava o topónimo correspondente: *Lares Conimbrigae*, *Genius Toncobrigensis*... E, claro, desde logo, o deus maior, Júpiter, na sua invocação de Óptimo e Máximo. Não admira, por exemplo, que modesto aglomerado urbano sito na nossa atual Beira Alta (Almofala, Figueira de Castelo Rodrigo) tenha mandado lavrar um altar a Júpiter apenas mencionando na epígrafe o seu nome – *Civitas Cobelcorum*, «a cidade dos Cobelcos». Um altar fundacional, que manifesta o que foi a atitude generalizada nesse contacto entre o Romano recém-chegado e os povos que por cá já existiam.

Houve, porém, uma contaminação ainda maior nesse âmbito da significativa, embora discreta, simbiose entre a religião e o poder: é que o imperador se assumira também como sacerdote supremo; estava dotado de uma potestade, que lhe conferia o direito de legislar; era... agosto! Ou seja, as divindades haviam decidido delegar nele esse poder de «aumentar», de «fazer prosperar», de trazer felicidade, fim último de todo o governante, por mais que tal, por vezes, se queira esquecer... Nesse sentido, há um bloco arquitetónico encontrado em Alcácer do Sal (*Salacia*) elucidativo do processo de impregnação de mentalidades: um indígena, *Vicanus*, filho de *Boutius*, consagra ao imperador Augusto, em 5 ou 4 a.C., o edifício a que esse lintel pertenceu; no entanto, o texto da consagração é significativo, pois dos títulos imperiais são mencionados por extenso aqueles que acentuam o seu

manancial a que o historiador da Antiguidade sistematicamente tem recorrido.

O estudo dessas epígrafes revela-nos, pois, não apenas os teónimos invocados – resultado da referida latinização de designações indígenas – mas também os motivos por que se invocam e a identificação do dedicante. Curioso é, porém, verificar o formulário adotado. Assim, a «pedra com a inscrição» (tem de usar-se, naturalmente, um material duradouro, para que no tempo se perpetue o ato que se quer eterno, como o são as divindades...) é «consagrada», perde o seu carácter comum para ficar a pertencer ao númen ao qual se dedica. Por outro lado, o dedicante faz questão em expressar, através de uma fórmula corrente, até em siglas, que desta forma a sua promessa se cumpriu e, portanto, o «contrato» que celebrara com a divindade fica, com o seu ato de entrega, completamente «dissolvido»: *votum solvit*

OS DOIS NÍVEIS DA RELIGIÃO

O primeiro girava em torno de divindades (*numina*) relacionadas com as forças da natureza:

- **Diespiter** dava vida ao ser humano
- **Vaticanus** fazia-lhe soltar os primeiros vagidos
- **Cumina** velava sobre o seu berço
- **Educa** ensinava-o a comer
- **Statana** conferia-lhe equilíbrio para se manter de pé
- **Vervactor** protegia os primeiros trabalhos dos campos
- **Messor** protegia as ceifas
- **Convactor** protegia as colheitas
- **Aesculus** guardava as moedas de bronze
- **Argentarius** guardava as moedas de prata
- **Iterduca** guiava os viajantes
- **Demiduca** velava pelos que iam de regresso a casa
- **Penates** olhava pelo lar
- **Lares** habitavam em todas as casas, ruas, encruzilhadas e campos,
- **Génios** acompanhavam cada pessoa e cada família, como anjos da guarda

No segundo nível deparamos com divindades coletivas, em regra transposições dos deuses da mitologia grega, como:

- **Júpiter** correspondente a Zeus, senhor do céu, da chuva, do raio e da tempestade
- **Juno** companheira de Júpiter, protetora do parto e da maternidade
- **Marte** deus da guerra e dos campos
- **Mercúrio** deus da eloquência, dos mensageiros, dos comerciantes e dos ladrões
- **Vénus** deusa do amor e dos jardins
- **Minerva** deusa das artes
- **Jano** protetor das entradas, de onde deriva o português «janela»
- **Vesta** protetora do lar
- **Saturno** deus do tempo e, pela sua sazonalidade, das sementeiras

caráter divino: ele é Augustus filho do «divino», *pontifex maximus*, dotado da tribunicia *potestas*...

E se os cultos às divindades indígenas se processavam habitualmente em zonas rurais, onde o génio divino mais se fazia sentir, o urbanismo da cidade partia do fórum e, nele, o templo à tríade capitolina (Júpiter, Juno e Minerva) era também o templo do culto imperial, servido por sacerdotes próprios: os flâmines, as flâmínicas, o colégio dos sêxviros augustais, escolhidos de entre a nata local ou regional.

E se, como na atualidade, o ritmo anual se pautava pelas festividades religiosas, a celebrar a primavera, as colheitas, o dia a dia familiar e pessoal encontrava-se também impregnado de religiosidade. Na casa, o *lararium* acolhia as imagens dos antepassados tutelares e os deuses de particular devoção honrados quer em pequenas estátuas quer em miniaturas de altares inscritos como o que, em Conimbriga, Valerius Daphinus dedicou a Liber Pater, designação familiar de Baco enquanto propiciador de ventura, ou o que um outro Valerius, Paternus de nome próprio, dedicou, em Tongobriga (Freixo, Marco de Canaveses) à deusa santa Fortuna. Fortuna era uma das divindades amiúde invocadas e honradas, porque, responsável assumida pela promoção a prosperidade individual e coletiva, os devotos solenemente lhe manifestavam reconhecimento, como o fez Annus Primitivus, que, em Balsa (Luz de Tavira), por ter sido eleito como sêxviro, deu um festim em honra de Fortuna Augusta que incluiu batalha naval, combate de gladiadores e bodo à população!

VIAGEM PARA O ALÉM

Vida, prosperidade e... a Morte, inexorável. Sempre esse espectro se procurou minorar através da crença num Além de onde nunca ninguém regressou para poder contar como é. Imaginavam-no os Romanos como uma continuação, noutra patamar do que fora a vida terrestre. Os sepulcros das gentes endinheiradas assumem-se como verdadeiras mansões, que têm como antecâmara uma sala de jantar, pois o banquete fúnebre, celebrado em dia de enterro ou no aniversário da morte, reúne a família em torno dos

defuntos, como se pudesse restabelecer-se o diálogo de que já os epitáfios se fazem eco ao serem redigidos no presente do indicativo (*hic situs est*, «aqui jaz»), ao mencionarem a idade com que se faleceu, ao porem na boca do defunto frases como «Rogo-te, ó viandante, que digas 'A terra te seja leve!'».

Aos defuntos e aos deuses se «encomendavam» também outras tarefas, quando os normais meios humanos se manifestavam ineficazes. E, nas práticas mágicas, tinha a palavra escrita esse valor simbólico de um agir concreto: «Ofereço-te como dádiva o corpo e a alma daquele para que eu encontre as minhas coisas. Se vier a encontrar esse ladrão, então prometo-te, ó Senhor

Se o ritmo anual se pautava pelas festas religiosas, o dia a dia familiar e pessoal era também impregnado de religiosidade

Átis, um quadrúpede como vítima. Ó Senhor Átis, rogo-te, pelo teu Noturno, que faças com que eu as obtenha quanto antes» – lê-se numa placa de chumbo, achada em lugar sagrado, em Salacia. Porto de mar de grande importância, Alcácer do Sal funcionou também como porta de entrada desses cultos místéricos a divindades ditas «orientais», como Cibele, a grande Mãe dos Deuses, como Mitra, o deus solar, fonte de riqueza e de poder a que uma confraria de bracarenses sediada em Beja (Pax Julia) estava intimamente ligada, como o estaria aos negócios da exploração agropecuária e da próspera exploração mineira...

Os deuses, sempre presentes: nas vidas do quotidiano pessoal, familiar, social, político e económico; e no velado mistério de um Além... ▣

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO É PROFESSOR JUBILADO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA